

Leibniz x Arnauld:

Uma discussão em torno da liberdade divina

Antonio Felipe Araújo Silva

antoniofelipesilva@gmail.com

Orientador: Luís César Oliva

Os conceitos de vontade e entendimento em Deus, da forma como trata Leibniz na correspondência com Arnauld de 14 de julho de 1686, nos ajuda a visualizar, numa certa perspectiva, a forma como Leibniz preserva a possibilidade de ações contingentes num mundo regido pelo princípio de razão. Nesta correspondência, o foco de Leibniz está na diferenciação conceitual entre *noções substanciais* e *noções específicas*. Por trás dessa diferenciação está exatamente a consideração dos conceitos de vontade e entendimento em Deus, os quais serão abordados neste trabalho.

Palavras-chave: Vontade - Entendimento - Leibniz - Arnauld - Contingência - Liberdade divina

Leibniz x Arnauld: A quarrel around the divine freedom

The concepts of will and understanding in God, as Leibniz deals with them in the correspondence with Arnauld from July 14th, 1686, allows us to see, from a certain perspective, the way Leibniz preserves the possibility of contingent actions in a world conducted by the principle of reason. In these letters, Leibniz focuses the conceptual differentiation between *substantial notions* and *specific notions*. Behind this differentiation lies the concepts of will and understanding in God which will be here dealt with.

Keywords: Will - Understanding - Leibniz - Arnauld - Contingency - Divine Freedom

Arnauld, na correspondência de 13 de maio de 1686 dirigida a Leibniz, manifesta sua crítica à principal tese leibniziana expressa no parágrafo XIII do *Discurs de Metaphysique*, tese de que a noção individual de cada pessoa encerra de uma vez por todas tudo o que lhe acontecerá (Leibniz 1, p. 47), da seguinte forma:

Parece-me que se segue que a noção individual de Adão encerra que terá tantos filhos, e a noção individual de cada um desses filhos tudo o que eles farão e todos os filhos que terão, e assim por diante; daí eu acredito que poderíamos inferir que Deus foi livre de criar ou não criar Adão; mas supondo que tenha desejado criar, tudo o que se segue depois ao gênero humano deveu e deve acontecer por uma necessidade fatal (Leibniz 1, p. 95).

Podemos notar que Arnauld compreende que Deus foi livre para criar ou não criar Adão; Arnauld faz essa concessão a Leibniz; concessão de Deus ser livre para levar a cabo seu primeiro ato de criação ou não levar. Podemos, no entanto, perceber que há uma dificuldade em Arnauld entender que Deus, para Leibniz, não pensa a criação como elementos separados, mas sempre em conjunto, sempre como um todo harmonicamente organizado. Diz Leibniz no segundo parágrafo de sua carta como resposta a Arnauld:

Os desígnios de Deus, relativos a todo o universo, estão ligados entre eles conforme a sua soberana sabedoria, ele não toma nenhuma resolução tendo em vista Adão sem levar em conta tudo o que tem alguma ligação com ele. Não é pois a causa da resolução tomada ao mesmo tempo com relação a todo o resto (a que é tomada tendo em vista Adão envolve uma relação perfeita) que Deus determinou sobre todos os eventos humanos. Isto me parece que não leva a uma necessidade fatal, nem nada de contrário à liberdade de Deus, não mais que aquela necessidade hipotética geralmente aprovada tendo em vista o próprio Deus, de executar aquilo que decidiu (Leibniz 1, p. 114).

Notamos na resposta de Leibniz que Deus pensa as particularidades sempre tendo em vista o todo e é para este todo que seus desígnios são dirigidos. Dada a suposição de que Deus toma a iniciativa de criar Adão, ele toma essa decisão considerando todas as conseqüências da realidade dessa criatura particular inserida no conjunto de tudo aquilo que é, potencialmente, real. Desse modo, a causa da vontade de Deus em criar um determinado ser está intimamente vinculada à vontade de Deus em criar todo o conjunto dos objetos reais. Poderíamos dizer que é a mesma vontade, pois se Deus criou Adão, conseqüentemente ele desejou criar todas as coisas que sucederam

Adão. É pela suprema sabedoria de Deus que todos os eventos do universo se entrelaçam sistematicamente; e, por conseguinte, se Deus escolhe criar um dado objeto, conseqüentemente também escolhe criar os objetos que constituem a causa eficiente da realização desse dado objeto, como também aqueles objetos que tiveram origem como conseqüência de sua criação.

É importante ressaltar, todavia, que para Leibniz as noções completas (plenas e compreensivas) que habitam o intelecto divino em nada diferem do que elas são em si mesmas. Diz Leibniz: “as noções plenas e compreensivas são representadas no entendimento divino como elas são nelas mesmas” (Leibniz 1, p. 115). Leibniz chama a atenção de Arnauld para esse ponto, pois lembra que Arnauld reclama em sua última carta que não é de costume tomar por noção completa de algo a maneira como Deus representa esse algo no seu intelecto, mas apenas a coisa enquanto é em si mesma, “pois, me parece, que não se costuma considerar a noção específica de uma esfera em relação àquilo que ela representa no entendimento divino, mas com relação àquilo que ela é nela mesma” (Leibniz 1, p. 95). Leibniz procura, no decorrer de sua carta, conduzir Arnauld a admitir que as noções completas das coisas não diferem das idéias que Deus forma delas em seu intelecto, para com isso tentar identificar o ponto exato em que reside a dificuldade de compreensão de Arnauld.

No caso do exemplo discutido, Adão, a noção completa dele envolve todos os predicados passados, presentes e futuros. Uma noção completa envolve tudo o que lhe sucedeu, tudo o que lhe sucede e tudo o que sucederá a sua posteridade. Enfatizando o acordo com Arnauld neste ponto, Leibniz se dirige à análise da diferença entre as noções específicas¹ e as noções completas das substâncias individuais. Nas notas que preparou para a redação da Carta de 14 de Julho de 1686, Leibniz deixa bastante clara a necessidade dessa distinção, pois, se Arnauld percebe que não é de costume tomar como noção completa de algo a maneira como Deus concebe esse algo no seu intelecto, mas apenas o que ele é em si mesmo, conseqüentemente, assim como concebemos a noção específica de uma esfera e tiramos somente a partir dela mesma todas as suas propriedades, também no caso de Adão poderíamos supor poder extrair todas as suas propriedades e predicados considerando-o apenas em si mesmo e sem relação com nada além dele. É desse risco que Leibniz pretende se esquivar.

O problema da confusão de Arnauld e da conseqüente diferenciação por Leibniz entre noção específica e noção substancial reside num ponto fundamental da metafísica leibniziana, como já falamos acima, a relação entre vontade e entendimento em Deus. Por um lado, podemos entender Arnauld e seu conseqüente problema com relação à limitação da liberdade divina se

considerarmos uma substância individual da mesma forma como consideramos uma esfera, a saber, apenas em si e por si mesma. Quando pensamos em Adão como um algo que em si compreende todas as suas propriedades sem relação com nada mais, fica muito complicado perceber a livre ação de Deus naquilo que compreende a criação. Talvez seja esta a dificuldade de Arnauld: assim como uma esfera, que tem a propriedade de que todos os pontos de sua superfície fiquem equidistantes do centro, também Adão tem a propriedade de ter tais e tais predicados, sem os quais seria qualquer outra coisa, menos Adão. Nessa perspectiva, Deus nada poderia fazer para mudar isso, pois qualquer alteração na natureza da esfera faria tal esfera tornar-se qualquer outra coisa, menos uma esfera, e Adão ser qualquer outro homem, menos o próprio Adão. Todavia, Leibniz chama a atenção de Arnauld para o fato de que a vontade de Deus nunca se sobrepõe ao seu entendimento.

As noções específicas, tal como a noção de uma esfera, encerram, exclusivamente, verdades eternas e necessárias, válidas para todos os mundos possíveis. Coisa muito diferente acontece com a noção de um indivíduo, que encerra *sub ratione possibilitatis*, o que é de fato e o que se relaciona com a existência das coisas e com o tempo (Leibniz 1, p. 116). As noções completas dependem de decretos livres de Deus e essa liberdade é garantida pela possibilidade de outras escolhas. Ser possível é não encerrar contradição interna. Noções completas são antes de tudo sempre possíveis e elas envolvem a liberdade de Deus em criá-las ou não de acordo com sua suma sabedoria. Além disso, uma noção específica é a consideração de algo em abstrato, sem levar em conta circunstâncias particulares. Por exemplo, a consideração da noção específica de uma esfera é incompleta, pois consideramos apenas a essência de uma esfera de forma genérica e teórica. Leibniz afirma que a noção específica da esfera nada determina na existência de uma esfera particular. Ademais, insiste Leibniz, a esfera que Arquimedes desejou colocar em sua tumba é perfeita e deve encerrar em si todos os seus predicados passados, presentes e futuros, porque sua razão está expressa no encadeamento contínuo que dá ordem à série do universo.²

A distinção fundamental entre noção específica e noção completa reside no fato de que uma noção completa é capaz de distinguir inteiramente seu objeto, incluindo as verdades contingentes ou de fato, tais como circunstâncias particulares de lugar e tempo, diz Leibniz:

As noções das substâncias individuais, que são completas e capazes de distinguir seu sujeito e que envolvem por consequência as verdades contingentes ou de fato e as circunstâncias individuais de tempo,

de lugar e outras, devem também envolver em sua noção, tomada como possível, os decretos livres de Deus, tomados também como possíveis, porque estes decretos livres são as principais fontes de existência, ou fatos, ao passo que as essências estão no entendimento divino antes da consideração da sua vontade (Leibniz 1, p. 115).

Leibniz compreende o problema levantado por Arnauld e mesmo assim afirma que Deus, ao escolher um Adão possível, permitiu a realização de uma dada concatenação de fatos, efeitos da realização do Adão escolhido. Em outras palavras, Leibniz não nega que haja uma pré-determinação universal decorrente da criação do Adão escolhido, mas argumenta que essa pré-determinação não pode ser em sentido algum independente da vontade divina. Em Leibniz, os possíveis são possíveis antes de todo e qualquer ato divino de criação (Leibniz 1, p. 116). Por um lado, Deus decide criar um Adão possível que encerra em si todos os seus predicados e os predicados de toda a sua posteridade; por outro lado, Leibniz não pode negar diante de Arnauld que há “uma infinidade de eventos humanos acontecem por ordens muito particulares de Deus” (Leibniz 1, p. 116). Como poderiam todos esses eventos, efeitos da livre ação divina, estar encerrados numa noção possível de Adão?

Desse modo, a substância individual definida como uma *noção completa* que encerra em si mesma todos os seus predicados remete Arnauld ao problema fundamental da liberdade de Deus após ter efetivado seu primeiro ato de criação. A questão elaborada por Arnauld é se a relação entre Adão e os acontecimentos humanos seria dependente dos decretos livres de Deus ou se seria independente deles. De acordo com Arnauld, a concepção leibniziana implica que, tendo Deus escolhido livremente qual Adão possível criar, todo o resto dos acontecimentos seria fruto de uma necessidade fatal, pois, se estava inscrito na noção de Adão que ele teria tais e tais filhos e estes por sua vez outros tantos, tudo o que viesse a acontecer seria, aparentemente, independente da vontade de Deus.

Leibniz compreende o problema levantado por Arnauld e mesmo assim afirma que Deus, ao escolher um Adão possível, permitiu a realização de uma dada concatenação de fatos, efeitos da realização do Adão escolhido. Em outras palavras, Leibniz não nega que haja uma pré-determinação universal decorrente da criação do Adão escolhido, mas argumenta que essa pré-determinação não pode ser em sentido algum independente da vontade divina. Em Leibniz, os possíveis são possíveis antes de todo e qualquer ato divino de criação (Leibniz 1, p. 116). Por um lado, Deus decide criar um Adão possível que encerra em si todos os seus predicados e os predicados de toda a sua posteridade; por outro

lado, Leibniz não pode negar diante de Arnauld que há “uma infinidade de eventos humanos acontecem por ordens muito particulares de Deus” (Leibniz 1, p. 116). Como poderiam todos esses eventos, efeitos da livre ação divina, estar encerrados numa noção possível de Adão?

Aos olhos de Arnauld, Leibniz parece querer sustentar duas teses contrárias:

- Deus age livremente no mundo (tese da liberdade divina),
- A criação de Adão gera uma cadeia de fatos certos e necessários inscritos na natureza própria de Adão (tese da substância como *noção completa*).

Leibniz não pretende abandonar nenhuma tese e mostra que pode haver nelas uma concordância: Deus escolhe criar Adão simultaneamente ao mundo e todos os seus eventos. É a mesma vontade em Deus que dirige e é causa da eleição de um dado Adão possível em concordância com um mundo e toda sua carga de eventos. Para Leibniz, a ligação entre Adão e os acontecimentos humanos é intrínseca e de forma alguma é independente dos atos livres de Deus, mas consequência deles. Da mesma forma como a noção de Adão é uma noção possível antes já de qualquer ato divino de criação, os próprios atos livres de Deus são também possíveis e estão inscritos na noção possível do Adão eleito para tornar-se real.

Qualquer substância criada por Deus envolve em sua natureza todas as verdades contingentes relativas a todas as outras e são efeitos imediatos da pura vontade de Deus. Ao contrário, as *noções específicas*, como a do círculo, por exemplo, não dependem da vontade de Deus para existir, mas apenas de seu entendimento. Embora a noção de Adão seja fruto do entendimento divino, sua realização, sua concretização, é um produto da sua vontade, que quer sempre o bem geral, é sempre dirigida por desígnios. O entendimento divino concebe todas as noções possíveis de Adão, mas somente após um ato voluntário de criação é que a noção eleita de Adão ganha realidade.

A ligação que eu concebo entre Adão e os eventos humanos é intrínseca, mas ela não é necessária e independente dos decretos livres de Deus, pois os decretos livres de Deus, tomados como possíveis, entram na noção de Adão possível, estes mesmos decretos tornam-se atuais sendo a causa do Adão atual (Leibniz 1, p. 116).

De acordo com Leibniz, a livre escolha divina com relação a todos os eventos do mundo foi tomada simultaneamente com a escolha do Adão criado. Foi um ato único de criação, em que a relação de um evento (Adão) é intrínseca a todos os outros eventos do universo, e por isso nada é independente da vontade livre de Deus. Não há evento algum no mundo que tenha sido realizado em contradição com a vontade de Deus. Tudo o que

acontece, aconteceu e acontecerá é expressão da vontade divina já expressa no primeiro ato de criação. Tudo o que é relacionado com o espaço e com o tempo se enquadra na esfera das verdades contingentes e, antes de sua realização, elas eram tão somente possíveis, tanto a noção de Adão como qualquer outra noção criada, e enquanto possibilidades no entendimento divino já encerravam a possibilidade das demais.

As possibilidades dos indivíduos ou das verdades contingentes encerram em suas noções a possibilidade de suas causas, a saber, os decretos livres de Deus, os quais são diferentes das verdades eternas ou das possibilidades das espécies, que dependem tão somente do entendimento de Deus sem pressupor sua vontade (Leibniz 1, p. 116).

A fim de aprofundar a compreensão de Arnauld na questão dos decretos livres de Deus, Leibniz afirma haver “uma infinidade de maneiras possíveis de criar o mundo segundo os diferentes desígnios que Deus pode formar” (Leibniz 1, p. 116). Desse modo, cada mundo possível corresponde a um desígnio diferente, a um fim, apenas uma vontade geral. Tal vontade geral de Deus está intimamente ligada a um decreto livre primitivo:

Assim, todos os eventos humanos não podem deixar de acontecer como eles efetivamente acontecem, suposto a escolha de Adão feita; mas nem tanto por causa da noção individual de Adão, ainda que esta noção encerre tudo, mas por causa dos desígnios de Deus, que entram também nesta noção individual de Adão e que determina todo o universo e, em seguida, tanto Adão como todas as outras substâncias individuais do universo, cada substância individual encerra todo o universo, devendo ser ela uma parte segundo uma certa relação, pela conexão que há entre todas as coisas, em razão das ligações das resoluções e desígnios de Deus (Leibniz 1, p. 117).

Por exemplo, a razão de um suposto neto de Adão ter um determinado filho está antes nos desígnios de Deus, que leva em conta todos os conjuntos dos seres possíveis, do que no próprio Adão, ainda que haja uma relação intrínseca entre Adão e seu bisneto, pois se Deus não tivesse livremente criado Adão, aquele filho de seu neto não poderia existir. A razão de cada coisa criada está, sobretudo, no desígnio divino e sua origem está expressa no primeiro ato livre de criação; ainda que haja uma relação intrínseca que liga uma coisa a outra, a razão primeira do que quer que seja é a vontade última de Deus. Desse modo, se está inscrito na noção de Adão que choverá amanhã, tal fato não pode ser diferente, pois, considerando-se a idéia de noção completa, a causa da chuva de amanhã seria a noção de Adão, pois há uma relação intrínseca entre uma coisa e outra, mas a causa primeira da

chuva de amanhã é, propriamente, o decreto livre de Deus que elegeu um Adão cuja noção encerra a chuva de amanhã.

Por fim, *entendimento* e *vontade* são as faculdades de Deus que dão razão e determinação ao mundo criado. O *entendimento* é a faculdade que concebe todas as possibilidades de absolutamente tudo e é a *vontade* que elege o melhor conjunto de possíveis que Deus, com seu sumo poder, torna real. Embora tanto as *noções completas* como as *noções específicas* sejam objetos do *entendimento* divino, a peculiaridade das *noções completas* em relação às *noções específicas* está no fato de as primeiras serem um objeto privilegiado da vontade divina, abrindo caminho assim para a contingência no mundo e a possibilidade de ações livres, enquanto as *noções específicas* independem da vontade de Deus, mas tão somente de seu entendimento. É evidente que a defesa de um espaço para a contingência no interior de um sistema em que tudo tem uma razão de ser é um ponto nuclear da grande maioria dos opúsculos e correspondências de Leibniz, e, especificamente na correspondência de que tratamos, a forma abordada por Leibniz para dar corpo à solução do problema é a verificação da relação entre *vontade* e *entendimento* em Deus e de como essas duas faculdades divinas se relacionam com os conceitos de *noções específicas* e *noções completas*.

Notas

¹ Notions des espèces.

² Atenção à fragilidade do exemplo dado, pois a esfera da tumba de Arquimedes não é, propriamente falando, uma substância. Substâncias não possuem, por definição, extensão. O exemplo deve ser observado pelo seu aspecto didático evidenciando a particularidade e a pontualidade no tempo e no espaço de um dado passível de predicação.

Referência bibliográfica

1. LEIBNIZ, Gottfried. *Discurs de metaphysique et correspondance avec Arnauld*. Introduction, texte et commentaire: Georges Le Roy. Paris: Vrin, 1966.